

Uma leitura geográfica da periferia da metrópole goianiense pela via do futebol peladeiro¹

*Prof. Msc. Alexsander Batista e Silva
Universidade Estadual de Goiás / Brasil*

Considerações iniciais

O intuito deste texto é discutir alguns elementos do mundo da periferia proletária da metrópole goianiense contemporâneo a partir do que aqui estamos denominando de futebol peladeiro. Entendemos que é possível chegar a compreensão da periferia, lançando um olhar sobre o fenômeno das peladas. Visto que o futebol no Brasil é algo que estabelece densas relações com a cultura do nosso povo, arrebatando multidões, fomentando sonhos, despertando paixões, possibilitando encontros e etc.

Buscamos nos ancorar nos pressupostos teórico e metodológicos da ciência geográfica, objetivando a realização de uma leitura que capture o movimento do real a partir da espacialização do fenômeno. Procurou-se costurar esse debate teórico junto à realidade da metrópole Goiânia, isso a partir de algumas observações acumuladas pela vivência cotidiana na cidade. E também pela o acúmulo de estudos que desenvolvemos enfocando essa temática. Utilizou-se, além das tradicionais metodologias como visitas de campo, entrevistas, registro fotográfico, a “experiência vivencial” a qual nos possibilitou vivenciar o objeto não apenas com o pensamento científico, mas com a sensibilidade e o sensível, com o corpo e com os pés.

¹ As idéias aqui apresentadas fazem parte reflexões e discussões presentes na Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia do IESA/UFG sob a orientação do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.

A periferia e a bola

Os elementos constitutivos do espaço se distribuem de maneira diversificada e articulada. Isso se deve à diversidade, mas, principalmente, à materialização de tempos desiguais. A sociedade contemporânea é cada vez mais marcada pela desigualdade, característica que, por conseqüência, integra também o espaço, pois este e a sociedade são indissociáveis. Assim, o espaço é produto e produtor da sociedade. Ora, isso em se tratando do território goiano, enxerga-se uma rede de fatos cuja matriz central é a modernização do território goiano, responsável por substituir a troca simples pela troca acumulada. Esse processo é bem explicado por Santos (2008, p. 61):

É desnecessário dizer que não se trata de partes ou elementos estanques e isolados uns dos outros. A partir do processo de metropolização de Goiânia, que é uma rearticulação global do território goiano e também da região Centro-Oeste do Brasil, encadeia-se um conjunto de transformações intra-urbanas capitaneadas pelas classes dominantes possuidoras do poder de valorização e organização dos lugares no espaço urbano. Isto é comprovado quando se observa a grande criação de loteamentos, todos com registro, ou seja, regulados pela instituição estatal. Trata-se de um crescimento muito acelerado, não diria desordenado, pois segue uma ordem bem estabelecida no que se refere à produção do espaço urbano de um ponto de vista capitalista.

Nas atividades cotidianas se podem observar as diferenças contidas no espaço, seja na cidade ou no campo, centro ou periferia, residências ou comércios e indústrias, na rapidez ou lentidão das pessoas etc. É bastante visível a distinção entre as paisagens dos diferentes lugares. A heterogeneidade faz-se presente na espacialização dos objetos e das ações. A produção do espaço, entranhada na assimetria, irregularidade, desigualdade, gera o que poderíamos denominar de heterotopia.

Os sujeitos sociais, como elementos do espaço, também se distribuem de forma desigual pelo território. A ocupação ou não de determinadas áreas pode depender de algumas variáveis, como afeto, acessibilidade, cultura e outros. No entanto, no mundo pensado e organizado nos moldes do capitalismo, nada pesa mais na ocupação dos espaços do que a renda e a divisão social do trabalho. As cidades, principalmente as médias e grandes, são exemplos emblemáticos. A imensa maioria da população não tem a possibilidade de escolher onde morar. As pessoas de baixo poder aquisitivo

são impelidas a se fixar em determinados locais da cidade, onde o preço da terra é compatível com suas condições financeiras. Santos explica o processo por uma via totalizante:

As desigualdades regionais presentes no estado de Goiás tem neste processo de industrialização do campo um importante catalisador no que se refere à acentuação de desigualdades já históricas, como também o surgimento de novas formas espaciais, como entorno de Brasília e a RMG. Este crescimento acelerado e incontável das cidades, produzindo estas duas regiões² dentro do estado de Goiás imprimiu marcas profundas no território. A Região Metropolitana de Goiânia só pode ser compreendida dentro deste conjunto de transformações globais do estado de Goiás. Sendo metrópole regional, ou seja, importante centro que polariza uma considerável região do Brasil: Centro-Oeste, parte da Região Norte e uma pequena parcela da Região Nordeste tornou-se naturalmente um centro gravitacional fortíssimo de atração de migrantes. O crescimento populacional já analisado atesta esta afirmação. (2008, p. 73)

Se o autor mostra o processo totalizante e diferenciado de acordo com elementos da escala espacial, para Milton Santos, com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializam, mas há lugares globais simples e complexos. Estes últimos coincidem com as metrópoles. Nas palavras do autor (2006, p. 322), “[...] a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir”.

No Estado de Goiás tem-se, de um lado, vários municípios cujo crescimento populacional é negativo, pois o número de pessoas que nascem já não repõe os que morrem e os que migram. Por outro lado, a mesorregião de Goiânia e, sobretudo, os municípios mais próximos (Aparecida, Senador Canedo e Trindade), vêm sua população se adensar cada vez mais. Isso acaba por gerar “[...] a multiplicação de bairros e favelas e o aumento do desemprego e da miséria” (ALMEIDA, 2002, p. 143). O autor salienta, ainda, que os migrantes pobres e pouco esclarecidos vêm para Goiânia em busca de trabalho e melhores condições de vida, de todas as partes, mas sobretudo do

² Para uma interpretação de todas as regiões do estado de Goiás, ver Moraes (2005), Estevam (2004), Arrais (2002). A atual divisão regional do estado de Goiás consiste nas seguintes regiões: Noroeste Goiano, Norte Goiano, Centro Goiano (à qual pertence a RMG), Leste Goiano (à qual pertence o Entorno de Brasília) e Sul Goiano.

interior do Estado e do Nordeste. Acabam vivendo não em Goiânia, mas nas cidades periféricas que, devido ao crescimento desordenado, não oferecem a mínima infra-estrutura urbana.

A mesorregião de Goiânia apresentou, entre 1980 e 1991, um significativo crescimento populacional, 47,18%, passando de 863.051 para 1.270.246 habitantes. No mesmo período, o município de Aparecida de Goiânia, que tinha 46.632 habitantes em 1980, passou para 178.483 em 1991, um salto de 318,66%. De acordo com dados da Seplan-GO, no ano de 1999 Goiânia possuía 1.056.330 habitantes, o que representa um crescimento de 14,44% em relação a 1991, ao passo que Aparecida de Goiânia atingia a marca de 324.662 habitantes, com um crescimento de quase 82% no mesmo período.

A transferência maciça de um grande contingente de pessoas do campo para a cidade é, dentre outras, a principal causa do rápido e gigantesco crescimento da capital do Estado de Goiás e de seu entorno imediato. Ou seja, a migração rural-urbana é o grande responsável pela conformação da metrópole Goiânia.

Em linhas gerais há um consenso entre os autores que tratam o tema migração em Goiás no que tange aos elementos que alavancam tal movimento, assim como nos problemas gerados. A principal causa do deslocamento de pessoas do campo para a cidade é a modernização da agricultura que, em função das novas exigências técnicas, inviabiliza as pequenas e até as médias propriedades, ocasionando a concentração fundiária, além da substituição do trabalho braçal pelo das máquinas, o que provocou o desemprego rural. Dessa forma, para a maioria dos ex-proprietários e dos trabalhadores, não resta outra alternativa senão o êxodo rural e a busca de trabalho na cidade.

Com isso tem-se, hoje, de um lado, o espaço rural vazio e produtivo e, de outro, um espaço urbano superlotado, principalmente quando se trata das metrópoles. Diante desse arranjo espacial da metrópole hodierna, é possível compreender a periferia por meio do futebol peladeiro? Existe uma questão

espacial no futebol? O espaço geográfico está presente na ontologia do futebol?

Num primeiro momento, pode parecer meio estranho para alguns um estudo do futebol realizado sob a ótica da Geografia. Não vislumbrando nenhuma relação entre o jogo de bola e a ciência geográfica. Isso figura ainda hoje tanto no senso comum, quanto na própria ciência, em função da tradição da Geografia na lida com certos temas.

Aos que ainda desconfiam da proposição lançada nesse texto, digolhes categoricamente: é possível sim, uma leitura do futebol a partir da ciência geográfica! Até porque, o futebol é um jogo extremamente territorial. E tem mais, hoje aprendemos que a identidade das ciências não reside no objeto, mas no modo de olhar o mundo, ou seja, no método. Portanto, estudar o futebol pelo prisma espacial é fazer Geografia!

Penso que o futebol constitui-se em um tema de grande relevância, principalmente, em termos de Brasil. Pois estabelece densos vínculos com a sociedade brasileira, permeando o quadro das relações sociais cotidianas de nosso povo. Portanto, possui uma gigantesca importância no que tange à cultura do brasileiro. Além disso, na atualidade, o futebol em escala mundial aparece inserido no rol do esporte-espetáculo. Isso traz repercussões nos aspectos culturais e sociais, propiciando alterações nas formas de organização espaço-territoriais.

Tamanho é o significado do futebol entre os brasileiros que os que não o amam, geralmente o odeiam. Entre os homens é quase unanimidade, no meio feminino ainda não tem grande expressão. No entanto, ao que parece, tem crescido a simpatia das mulheres pelo esporte, o qual vai deixando de ser exclusivamente coisa de macho.

O futebol povoa a imaginário das crianças. A grande maioria dos meninos brasileiros sonhou ou sonha em ser um jogador de futebol, um artista do mundo da bola. Uma parcela diminuta consegue realizar tal sonho. O fato é que para todos, no entorno da bola, gravita a sociabilidade.

O futebol dinamiza o espaço das cidades. Numa metrópole em dia de jogo dos grandes clubes, a cidade amanhece colorida, seu ritmo muda, o futebol passa a ser o assunto das rodinhas de bate-papo dias antes e dias depois da partida. No entanto, o futebol não é somente aquele dos grandes espetáculos. Ele se territorializa também como jogo, ou seja, como pelada nos mais diversos espaços. Na periferia das grandes cidades o jogo de bola tem enorme pujança.

O futebol em forma de pelada se coloca como fenômeno social que recorta as paisagens, principalmente dos lugares periféricos. E os peladeiros, na construção do jogo de bola, criam e recriam territórios, alteram paisagens, instituem novos ritmos ao mundo vivido pelos sujeitos praticantes, enfim, dinamizam o espaço geográfico.

Para os moleques da periferia, tímidos, raquíticos, sem muitos brinquedos, enclausurado em casa, a rua é o lugar de brincar, de jogar bola e, por intermédio desta, ver o mundo além dos muros do lar, conhecer pessoas e fazer amigos. Enfim, por meio do futebol angaria-se amigos e liberta-se do espaço restrito da casa.

A bola da periferia

A metrópole guarda uma enorme diversidade socioespacial, pois é o espaço em que as atividades de todos os capitais e trabalhos, bem como a circulação incessante de símbolos de diferentes estirpes sociais, encontram eco e se realizam.

Com tal pujança atrai e acolhe os pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. A presença dos pobres na grande cidade a enriquece, dando-lhe um tom a mais na heterogeneidade desse espaço urbano, a qual se manifesta na materialidade dos bairros e locais contrastantes, assim como nas distintas formas de vida instituídas nos diferentes lugares da cidade. Com isso, ampliam-se as

possibilidades e as vias de comunicação, interação e produção de subjetividade.

A periferia apresenta-se como *locus* privilegiado de produção e reprodução do fenômeno das peladas. A vivência na periferia tece novos contornos na relação com os símbolos do afeto, da emoção, da relação com a cultura de massa, dos modos de operar a linguagem, de desenvolver o lazer, de estabelecer pontes de contato com o mundo, de desenvolver identidades, pertencimentos, ou de disputar lugares no grupo etc. Conforme Anjos e Chaveiro (2007, p. 195), a periferia proletária é um mundo dentro do mundo, um câmbio e um intercâmbio, onde a existência humana às vezes dribla a dor com gestos de solidariedade.

Ao contrário do ideário que circula no senso comum a periferia é um lugar rico, em vivências, afetividade, criatividade etc. Em meio a tudo isso pipocam, nesse espaço, o jogo de bola. Como já dissemos anteriormente a pelada é um fenômeno muito presente na periferia das cidades. Em decorrência disso, os territórios peladeiros possuem grande significado para tais localidades. O acontecer peladeiro produz um componente político de enorme importância para a periferia. Isso se dá por duas instâncias: a subversão do tempo e do espaço e, as alegrias da carne.

A subversão do tempo e do espaço

A acirrada disputa por espaços no mundo urbano/contemporâneo, principalmente nas metrópoles, gera um novo esquadramento na cidade. Devido à voracidade do capital privado em sua territorialização, como no caso de região metropolitana de Goiânia, a tendência seria do desaparecimento das peladas em espaços como ruas, calçadas, lotes baldios etc. Contudo, a paisagem que observamos ao transitar pela metrópole, principalmente na periferia e ao cair da tarde, é repleto de futebol de pelada. Ou seja, mesmo com todos esses cenários pouco propícios, os territórios das peladas acenam como uma espécie de resistência/persistência.

As peladas são manifestações da existência que se inserem no espaço como um dado importante na medida em que furta o cotidiano

controlado e liberal, testemunhado pela operação do trabalho e dos fluxos que são gerados para garantir a sociabilidade na metrópole. Essa importância possui outro sentido existencial: colocar os pares, os sujeitos proletarizados e empobrecidos em contato uns com os outros. Essa ação é uma das formas de se opor ao regime de violência que sujeitos de uma mesma classe social, sem perspectivas sociais e fundados no regime de fragmentação, desenraizamento e com poucas possibilidades de galgar um lugar ao solo que lhes fomentem uma vida digna, são destinados à bola.

Porém, o que destaca mais é que o peladeiro se junta ao Outro e reconhece nele o que ele, socialmente, é. Em muitos casos, as trajetórias nos bairros e o conhecimento de seus sujeitos ganham, nas peladas, o centro mais aglutinador, uma vez que, no regime de trabalho, há, indubitavelmente, a separação.

O padrão de ocupação urbano comandado pelo capital incide não somente sobre a residência, mas também no lazer e na sociabilidade. Há uma escassez cada vez maior de espaços públicos onde os cidadãos podem se encontrar e festejar. De certa maneira, as peladas no mundo contemporâneo entram na lógica do capital, sendo realizadas, também, em espaços privados. Isso não significa, porém, que as peladas dos espaços públicos perderam seu vigor.

A pelada promove a subversão do tempo e do espaço controlado, ordenado, agendado, instituído. Pois elas acontecem a qualquer hora e em qualquer lugar, ou seja, ocorrem a despeito dos ditames do capital. O tempo do capital, o qual orchestra e adentra em praticamente todos os recantos e atividades do mundo contemporâneo, ao que parece pouco interfere nas peladas. Isso na medida em que elas podem acontecer em quaisquer dias e horários. Outrossim, as peladas furtam também o espaço instituído pelas do modo de produção vigente. Ao usar o lote baldio de que desconhece o proprietário (ilustração 1), para a realização de um evento coletivo e alegre, distende, pelo menos no momento do jogo, a tirania da propriedade privada e das funções urbanísticas da renda fundiária urbana.



Ilustração 1 - Subversão do tempo e do espaço no lazer possível da pelada.
Lote baldio - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

Essa subversão do tempo e do espaço construídos socialmente culmina com o que Barcelos (2006) chama de “fazer política na fresta” por meio de “devires-moleques”. Esse processo, segundo a mesma autora, é da possibilidade de cada um. O importante é criar um agenciamento para “inventar artimanhas na fresta”, possibilidades reais de sujeitos sofridos, vilipendiados, explorados, golpearem o sofrimento, distender dores, criar espaços de comunicação e de prazer onde o controle parece reinar. Nisso entra o papel de brincar – e da brincadeira.

As alegrias da carne

Ao estudar o futebol de rua na periferia de São Paulo, Tokuyochi (2006, p. 19) sinaliza que o futebol promove o lazer, assim como tece uma rede de sociabilidade. “Falar em lazer na periferia é falar em futebol”. O autor afirma ainda que “O futebol ainda é o grande responsável pelo desenvolvimento da sociabilidade nos bairros” (idem, p. 2). Tais afirmativas dão a dimensão de quão importante é o futebol de pelada para os sujeitos da periferia, pois elas são umas das poucas oportunidades de práticas de lazer, são pontos de encontros. Na periferia proletária o território da pelada constitui-se em um dos locais onde as pessoas vão rever os amigos, botar o papo em dia, alegrar o corpo jogando bola, esquecer temporariamente os problemas diários, fugir do mundo do trabalho etc.

Magnani (1998) ressalta que os torneios de futebol de várzea constituem-se em importantes acontecimentos. O entorno do campo de jogo desde cedo ganha intenso movimento: moças, rapazes e crianças circulam entre as barraquinhas de milho verde, sorvete e pipoca: “Cenas como esta repetem-se todos os fins de semana nos bairros mais afastados, comprovando a vitalidade desta forma de entretenimento” (idem, p. 122). Mais um autor que comprova o papel que o futebol amador possui na periferia, como uma festa, um lugar de lazer e diversão no qual as pessoas vão para interagirem uns com os outros.

O futebol peladeiro possui a capacidade de se formar, a partir de um esforço partilhado de atores, mediante poucos recursos, ou quase nenhum; o engendramento de sujeitos proletários que, por meio dela, se comunicam na realização de um lazer possível; a possibilidade de, em um campinho de terra feito em um lote baldio, mas sob a organização de um sujeito poder ajustar o espaço para os jogos.

O certo é que a pelada afina-se enormemente com a vida e expurga o tempo produzido pelo capital. A vida na pelada pulsa em variadas intensidades, revelando-se no grande leque de emoções pronunciadas. Nesse jogo de bola aparecem a alegria, a tristeza, a realização, a frustração, a paixão, a raiva etc. O ser da pelada produz bons encontros, os quais Barcelos (2006) anuncia como sendo imprescindíveis à vida de fontes de criação. Enfim, o fazer político da pelada, com a negação do tempo do mundo, privilegia, rega, cultiva e valoriza a vida.

Tais aspectos dizem muito da subjetividade e da política do corpo advindos da prática do futebol de pelada. Sob esse prisma, a pelada figura para os sujeitos da periferia como um lazer possível, onde eles se encontram e festejam. Os territórios das peladas são espaços de subversão, nos quais o mundo trabalho não exerce controle e o corpo surrado pelo capital brinca e se liberta, realizando, assim, a alegria da carne.

No lazer possível proporcionado pelo jogo de bola peladeiro, os sujeitos da periferia se encontram, se comunicam e festejam. O corpo,

explorado e enrijecido pela pressão do capital, se liberta e se solta. A pelada torna-se um lugar da rebelião alegre do corpo. Os sujeitos explorados e vilipendiados pelo mundo do trabalho extirpam o sofrimento e a dor, substituindo-os pelo prazer e pela liberdade. É um momento da vida livre, do encontro e da festa. Representa o intervalo espaço-temporal em que o trabalho não tem controle.

Nesse sentido, pode-se afirmar que no campo exíguo de possibilidades o sujeito da periferia proletário joga, geralmente, livre dos preceitos mercantis, por isso é um jogo alegre, divertido, infantil, compatível com a cultura que o possibilitou (ilustração 2).



Ilustração 2 - Os sujeito da periferia na festa alegre da pelada.
Lote baldio - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

Na seara do brincar livre, peladeiros – na fresta do tempo e do espaço – se encontram com outra possibilidade de vida, descortinam virtualidades, sonhos. A vida pode aparecer com timbre de esperança e com insígnia de resistência – e de liberdade porque alegre.

Considerações finais

Como o espaço não é somente palco dos acontecimentos, ele, em suas ações e objetos, condicionam e restringem determinados eventos, assim

como lançam possibilidades a outros. Os eventos são, de alguma forma, marcados pelas características dos lugares que os sediam. O espaço imprime suas marcas nos fenômenos. Dessa maneira, as peladas de futebol da periferia carregam também especificidades. Entendemos que a criatividade, a solidariedade e a persistência que tanto marcam a vivência na periferia, transitam com grande vitalidade nas peladas de futebol da periferia proletária.

A despeito da dureza, dificuldade e sofrimento encontrado na periferia, ela re-existe na vida metropolitana com gritos de solidariedade e alegria. Nesse contexto, a bola é um elemento de suma importância. O território das peladas furta o tempo e o espaço controlados pelo capital, apresentando-se aos sujeitos da periferia como uma das poucas possibilidades de lazer, encontro e sociabilidade. Nesse sentido, a pelada atribui vida e significado de cidade à cidade – lugar do encontro, da troca e da festa.

Em decorrência de todos os elementos levantados, podemos dizer que a pelada é algo vital para a periferia proletária. É tão importante quanto recorrente, de modo que se podem observar dezenas de pessoas jogando bola, ou mesmo à beira dos campinhos de peladas, principalmente ao cair da tarde e nos finais de semana. Isso nos induz à seguinte afirmativa: a periferia é peladeira.

Referências

ALMEIDA, Orlando Francisco da R. Transformações no padrão demográfico de Goiás nas últimas décadas. In: ALMEIDA, Maria Geralda (org.) **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: IESA, 2002, p.119-145.

ANJOS, Antonio Fernandes dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A periferia urbana em questão: em estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 27, n.2, p.181-197, jan./jun. 2007.

BARCELOS, Tânia Maia. **Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedação**: cultura popular e lazer na cidade. 2 ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

SANTOS, Lucas Maia dos. **A produção do espaço intra-urbano de Aparecida de Goiânia e a dinâmica metropolitana de Goiânia**: de 1960 aos anos 2000. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

TOKUYOCHI, Jorge Hideo. **Futebol de rua**: uma rede de sociabilidade. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.